

A ESCAVAÇÃO DE SUTTON HOO: UMA EXPERIÊNCIA COM A ARQUEOLOGIA MEDIEVAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

THE SUTTON HOO EXCAVATION: AN EXPERIENCE WITH MEDIEVAL ARCHEOLOGY IN BASIC EDUCATION.

Marcio Felipe Almeida da Silva³⁵

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

Resumo: O presente artigo tem por finalidade a apresentação de um projeto educacional sobre arqueologia medieval realizado com o 6º ano do Ensino Fundamental, ao longo ano de 2021. Neste trabalho compartilharemos os desafios de ensinar História Medieval durante a difusão das medidas restritivas contra a Covid-19 e a implantação do Ensino Híbrido e algumas práticas pedagógicas aplicadas na escola.

Palavra-chave: Arqueologia. Educação. Idade Média.

Abstract: The purpose of this article is to present an educational project on medieval archeology carried out with the 6th year of Elementary School, throughout 2021. In this work we will share the challenges of teaching Medieval History during the dissemination of restrictive measures against Covid-19 and the implementation of Blended Learning and some pedagogical practices applied at school.

Keyword: Archeology; Education; Middle Ages.

1. A História Medieval no Ensino Híbrido.

A primeira vista, pode parecer que o texto a seguir foi escrito por um arqueólogo ou por um estudante dessa ciência. Todavia, a experiência destacada neste espaço foi produzida por um professor de História do Ensino Fundamental, que buscou incentivar o interesse pelo estudo da arqueologia medieval durante a implantação da educação híbrida em uma escola da rede privada, localizada na cidade de Nilópolis, no Estado do Rio de Janeiro. O ensino híbrido ou educação bimodal é uma mescla entre as aulas presenciais e o modelo de aprendizado on-line. Embora algumas experiências com a aprendizagem híbrida tenham sido realizadas nos Estados Unidos há algum tempo, esse método foi implantado em

³⁵ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor da Educação Básica. E-mail:marcio.castela@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5246-3520>.

larga escala no Brasil após a difusão das medidas restritivas contra a Covid-19. Ainda que os primeiros meses da pandemia tenham provocado uma desorganização na educação brasileira, haja vista que nenhuma instituição, seja pública ou privada, estava preparada para uma situação inusitada como essa, o plano de retomada das atividades escolares, no segundo semestre de 2020, obrigou as instituições de ensino a procurarem plataformas que pudessem garantir uma educação de qualidade para os alunos, cujos responsáveis não se sentiam seguros para enviá-los à escola.

Durante essa fase de retomada, os professores que estiveram na linha de frente sentiram-se como cobaias de uma experiência tecnológica. Em pouco tempo, tiveram que dominar ferramentas de comunicação como *Microsoft Teams*, *Google Meet* e *Zoom Cloud Meetings*. Acostumados a circular pela sala de aula, os professores precisaram ficar parados, para facilitar o enquadramento da câmera e tiveram que se acostumar com a utilização de instrumentos de captação de áudio, que permitiam a transmissão de suas explicações para os alunos da sala remota. A retomada das aulas, embora tenha reduzido o calendário letivo, não flexibilizou o currículo escolar. Os capítulos destacados no material didático precisaram ser apresentados aos alunos na íntegra, para que não seguissem para o próximo ano sem os conhecimentos necessários.

Embora as gerações mais novas tenham uma grande facilidade com o uso de tecnologias, todas essas transformações acabaram se convertendo, inicialmente, em um obstáculo ao processo de aquisição do conhecimento. A implantação dos novos modelos de ensino reativou queixas antigas dos alunos, como a formulação de aulas mais agradáveis e a exigência de um ensino mais significativo, que incluía referências às suas experiências cotidianas. Quando se trata do ensino de História Medieval, essas expectativas tornam-se maiores. Afinal, não há como negar que, na atualidade, a internet, os filmes e os games têm atuado como potenciais divulgadores da Idade Média entre os jovens. Ainda que o medieval apresentado por tais mídias esteja mais próximo do gênero fantasia, é preciso que o professor construa um novo olhar sobre essas ferramentas, reconhecendo que elas não precisam ser adversárias ao processo

de ensino-aprendizagem. Até porque, para o professor, concorrer contra os jogos on-line, ou mesmo com as produções de *Hollywood*, seria uma tarefa hercúlea e que, por fim, teríamos uma grande chance de sermos derrotados. Como bem destacou Paul B. Sturtevant, a popularidade do cinema faz com que ele atue como um poderoso propagador de conhecimento que permite as pessoas experimentarem eventos dos quais não participaram. (2020, p.13). No entanto, é sempre bom que essa experimentação, quando realizada em sala de aula, passe por um processo de reflexão conduzido pelo professor. Afinal:

O poder do cinema de criar narrativas históricas – não importando o quão ficcionais sejam – tornou-o objeto de particular preocupação entre educadores e estudiosos, de forma que muitos cinéfilos consideram verdadeiro o anacronismo. Mas são relativamente poucas as pesquisas empíricas produzidas para demonstrar como as audiências realmente interagem com filmes históricos – se aprendem com eles ou não. Até que ponto o público julga verdadeiro o “baseado em fatos reais”? (STURTEVANT, 2020, p.14).

Sendo assim, o professor tem uma grande tarefa pela frente, pois a aula de História não pode se converter em simples apresentação expositiva de um filme. É necessário que o professor o apresente não como um documento histórico, mas como parte de uma interpretação do passado realizado por um grupo de pessoas que o produziu. Nem todos os educadores têm a consciência de como apresentamos o passado para os nossos alunos ajuda a despertar o interesse pela História e contribui para a fixação do conteúdo. Jacques Le Goff, um dos mais famosos medievalistas do nosso tempo, afirmou ter se apaixonado por esse período através das aulas de Henri Michel, seu professor de História na *Quatrième*, equivalente ao 6º ano do Ensino Fundamental. Para o autor, um professor de história trabalhava de “certo modo parecido com um pianista. Tinha de decifrar, aprender, transmitir, restituindo a vida”. (LE GOFF, 2008, p.28). Quando apresentamos a Idade Média em sala de aula, tendemos a falar sobre vestígios materiais e achados arqueológicos. Até mesmo os livros didáticos trazem diversas ilustrações de importantes vestígios da cultura material e curiosos achados arqueológicos, a exemplo da descoberta dos restos mortais do rei Ricardo III, em 2012, num estacionamento de Leicester.

Todavia, nem sempre conseguimos apresentar para os alunos as maneiras como esses objetos chegaram até nós ou mesmo como eles conseguiram se manter preservados até os nossos dias. Tendo como objetivo a construção de aulas mais significativas, que respondam aos questionamentos apresentados acima e que permitam a experimentação, desenvolvemos um projeto educacional que pudesse ser apresentado de forma híbrida para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Através desse projeto, mesclamos as aulas expositivas, onde são apresentados os conteúdos do material didático, com atividades lúdicas, simulando uma escavação arqueológica de pequeno porte. Para promover a aprendizagem significativa, incluímos no projeto a exibição do filme “A Escavação” e a leitura de partes do livro “Arqueologia passo a passo”, do pesquisador francês Raphael De Filippo, cujas contribuições apresentaremos ao longo do texto.

2. O túmulo anglo-saxão.

A ideia para a realização de uma experiência arqueológica durante as aulas híbridas teve início com o lançamento do longa metragem “A Escavação”, em janeiro de 2021. O filme, disponibilizado pela Netflix em sua plataforma digital, é uma adaptação do romance homônimo de John Preston, publicado alguns anos antes. Nele, podemos acompanhar a reconstrução cinematográfica de um dos mais importantes achados arqueológicos da Europa, apelidado de o “Tutancâmon Britânico”, em alusão a descoberta feita pelo arqueólogo Howard Carter no Egito, em 1922. De maneira independente, a viúva Edith Pretty contratou o arqueólogo autodidata Basil Brown para escavar alguns dos montes misteriosos localizados dentro de sua propriedade, em Sutton Hoo. Na época, especulava-se que os montes poderiam conter vestígios pertencentes a Era Viking (800-1050). Eram tempos difíceis quando o senhor Brown iniciou a exploração em Sutton Hoo, no ano de 1938. As potências europeias já estavam se organizando em blocos antagônicos, o fascismo ameaçava a organização política do continente e um conflito de grandes proposições parecia iminente.

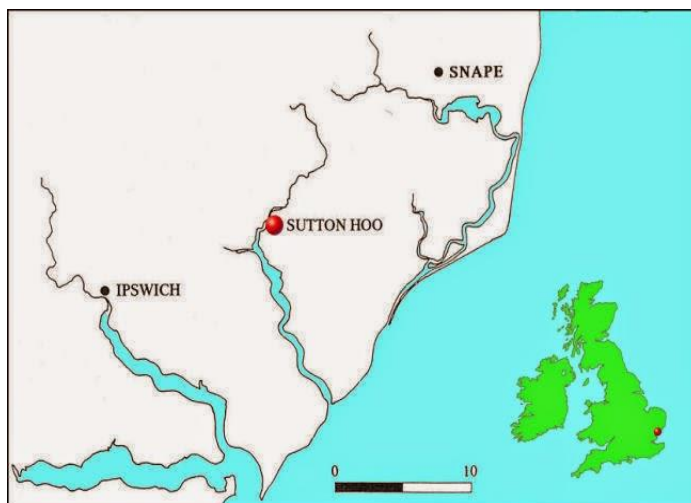


Figura 1: Localização do sítio arqueológico de Sutton Hoo.

Fonte: <https://www.historiaillustrada.com.br/2014/04/um-barco-para-um-morto-o-sito.html>.

Acesso em: 08/08/2021.

A exploração iniciada por Basil Brown revelou o que sobrou de uma embarcação com cerca de 27 metros de comprimento, cujos restos de madeira, ou mesmo do corpo que ela abrigou, já haviam sido destruídos pela ação do tempo. Tratava-se de uma embarcação funerária com cerca de 1400 anos, onde foi depositado um rico espólio que contava com mais de 250 objetos. Nela foram encontrados vasos, chifres para beber, joias, uma espada, um elmo que anteriormente havia sido muito bem ornamentado e outras riquezas. As moedas retiradas desse sítio arqueológico ajudaram a datar o período em que, provavelmente, ocorreu o enterramento. Descartando a hipótese inicial, de que o sítio arqueológico pertencia à Era Viking, os arqueólogos concluíram através da análise dos vestígios que se tratava de uma embarcação funerária de origem anglo-saxã. Naquela época, pouco se sabia sobre o período entre a saída das legiões romanas da Britânia, no século IV, e a chegada dos invasores de origem nórdica, no início da Era Viking. O termo anglo-saxão era utilizado para descrever os povos de origens germânicas que tinham se instalado na Grã-Bretanha, a partir do século V, passando a controlar grande parte da Inglaterra e da Baixa Escócia nos séculos seguintes (LOYN, 1990, p.22).



Figura 2: Espada encontrada durante a escavação.
Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/02/famoso-navio-funerario-anglo-saxao-foi-provavelmente-o-ultimo-de-seu-tipo>.
Acesso em: 08/08/2021.

Os anglo-saxões e seus descendentes nunca formaram um reino unificado antes do século IX, quando foi necessária a organização estratégica e política para formar uma defesa eficaz contra os invasores vikings. Antes disso, estavam divididos em pequenos reinos como a Nortúmbria, Mércia, Wessex e Ânglia Oriental, onde estavam os achados de Sutton Hoo. O que se imaginava sobre os governantes anglo-saxões é que eram desorganizados e atrasados, quando comparados com a governança e a outras culturas da época. Contudo, os achados de Sutton Hoo contribuíram para modificar essa visão, uma vez que dentre os objetos retirados do solo estavam artigos luxuosos como tecidos, vasos e armamentos ricamente decorados, além de acessórios de ouro do Sri Lanka e talheres bizantinos, o que nos faz supor que a Inglaterra anglo-saxã estava inserida em uma ampla rede comercial de longa distância. Para Sue Brunning, curadora dos artefatos de Sutton Hoo no Museu Britânico, a descoberta de Basil Brown reescreve nossa compreensão sobre uma época da História Medieval em que se pensava que a organização política havia declinado:

Este único enterro em um lindo canto de Suffolk personificava uma sociedade de realizações artísticas notáveis, sistemas de crenças complexos e conexões internacionais de longo alcance, sem mencionar o imenso poder pessoal e riqueza (...) As imagens de salões de madeira imponentes, tesouros reluzentes, reis poderosos e funerais espetaculares no poema inglês antigo Beowulf não podiam mais ser lidos como lendas - eram realidade, pelo menos para os poucos privilegiados da sociedade anglo-saxônica inicial (Livre tradução – Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/death-and->

memory/anglo-saxon-ship-burial-sutton-hoo. Acesso em: Acesso em: 08/08/2021).

A épica história de Beowulf, mencionada por Brunning, foi escrita possivelmente em meados do século VIII, na região da Nortúmbria. Ao que tudo indica, o texto original foi composto por um poeta que conhecia muito bem a vida nos grandes salões medievais, onde eram narradas as epopeias dos heróis míticos e as façanhas dos melhores guerreiros. Escrita em forma de poesia e em linguagem anglo-saxã, que chamamos de inglês arcaico, seus versos anônimos descrevem o cotidiano dos líderes dos pequenos reinos anglo-saxões e senhores guerreiros, bem como suas lendas e seus costumes. Após as descobertas de Sutton Hoo, essa sociedade liderada por grandes guerreiros que, ao fim de suas vidas, eram enterrados ou queimados com seus fabulosos espólios de batalha, cada vez mais parecia próxima da realidade, ainda que pouquíssimos homens pudessem ter acesso a esse privilégio.

Mesmo que os achados arqueológicos de Sutton Hoo permitam identificar o período em que o navio foi enterrado, esses mesmos vestígios não são capazes de levar os historiadores a concluírem quem de fato foi o líder que mereceu tal honraria. Os pesquisadores supõem que o guerreiro enterrado com o navio tenha sido um rei anglo-saxão, provavelmente Redualdo da Ânglia Oriental, morto em 624, que ocupou uma posição privilegiada o suficiente para reunir um número tão espetacular de riquezas. Seja ele quem for, a honraria recebida em seu sepultamento o coloca no nível épico dos guerreiros descritos na lenda de Beowulf. No poema anglo-saxão, a narrativa do ritual que celebrou a morte do herói Beowulf faz lembrar a cerimônia que poderia ter acontecido durante o enterramento em Sutton Hoo:

E o povo dos geats construiu para Beowulf um baluarte, grande bastião, alto e imponente para que os viajantes pudessem vê-lo de longe. Em dez dias montaram o monumento em memória do grande rei; do que restou do fogo, os grão-senhores e sábios recolheram o que pudesse ser digno de memória de Beowulf: joias, colares, pulseiras e torques – tudo foi colocado no túmulo: as peças que os homens nos primórdios saquearam dos tesouros em lutas inimigas; o ouro dos guerreiros

deixou no seio da terra, inútil agora como não foi no passado (ANÔNIMO, 1992, p.134).

Ainda que, em virtude da tradição oral, a história desse antigo herói tenha sido conhecida na Inglaterra antes mesmo do poeta escrever sua obra, não é possível afirmar que ela tenha exercido algum tipo de influência sobre o enterramento em Sutton Hoo, uma vez que outros modelos desse tipo de cerimônia foram comuns na Europa do início da Idade Média. O que alguns especialistas especulam é que a prática de enterrar chefes guerreiros com grandes tesouros já estava desaparecendo quando o tumulo de Sutton Hoo começou a ganhar forma. Uma das razões para isso teria sido a ascensão do cristianismo, que transformou igrejas e catedrais em depósitos mortuários para a realeza e a nobreza, não havendo mais a necessidade de enterros em áreas isoladas. Também se especula que, à medida que os reis anglo-saxões começaram a consolidar seu poder, a exibição de enterramentos luxuosos tenha se tornado menos importante. De qualquer forma, o que nos interessa neste trabalho não são os pormenores das evidências históricas de Sutton Hoo, mas sim seu potencial para motivar o trabalho que desperte o interesse dos alunos para o ensino de História Medieval.

3. “A escavação” como projeto educacional.

É inegável o fascínio inicial que os filmes exercem sobre o grupo de alunos. Somente o fato de o professor levar a turma para o auditório ou chegar à sala de aula carregando um projetor é o suficiente para os alunos comemorarem. Todavia, os filmes foram muitas vezes utilizados em sala de aula como meros substitutos de textos e aulas expositivas, sendo empregados apenas para dar credibilidade à fala do professor. Por diversos motivos, nem todos os educadores conseguem perceber que, quando nos sentamos em uma sala para apreciar um filme, existe por trás daquela narrativa uma série de elementos que foram selecionados intencionalmente para gerar emoções, sentimentos e sensações, responsáveis por tentar nos remeter ao período histórico abordado nele (CANO, 2012, p.38). Sendo assim, a utilização de filmes nas aulas de história vai muito além de sua simples exibição. Para explorá-lo adequadamente é preciso que o

professor formule uma proposta didática organizada em etapas. Afinal, como bem destacou, José Rivair Macedo, “o professor deve estar ciente de que o bom aproveitamento da projeção dependerá do quanto seu conteúdo foi colocado em discussão” (2005, p.119).

Tratando-se especificamente do filme “A Escavação”, lançado pela Netflix em 2021, muitas coisas poderiam ser abordadas em sala de aula, como a ocupação anglo-saxã da Inglaterra, a desconstrução do conceito antiquado de Idade das Trevas ou mesmo o clima de tensão provocado pela Segunda Guerra Mundial. Entretanto, como a exibição do filme estava prevista para uma turma do 6º ano, decidimos dar mais atenção ao trabalho de investigação realizado pelos arqueólogos durante a exploração de Sutton Hoo. Acreditamos que a escolha desse viés se relaciona melhor com os conteúdos destacados no material didático utilizado pelo 6º ano, carregado de ilustrações e informações a respeito das descobertas arqueológicas importantes para a história da humanidade. Essa escolha justifica-se também pelo interesse em arqueologia apresentado pela turma. Ao longo dos primeiros meses de 2021, quando abordamos os conteúdos referentes ao estabelecimento das populações humanas no Crescente Fértil e a formação das primeiras cidades, os alunos mostraram-se curiosos sobre as técnicas de escavação utilizadas pelos arqueólogos e a maneira como eles fazem para datar os vestígios extraídos dos sítios arqueológicos.

Após escolhermos o foco de observação que teríamos durante a apresentação do filme, decidimos não o exibir de imediato, mas sim iniciar um trabalho de leitura que pudesse ajudar os alunos a entenderem melhor o processo de exploração do solo. Para ajudá-los nessa tarefa, sugerimos a leitura do livro “Arqueologia passo a passo”, de Raphael De Filippo. Muito bem ilustrado e de linguagem simples, essa obra traz informações importantes sobre a maneira como os vestígios arqueológicos são preservados debaixo dos diferentes tipos de solo. Raphael De Filippo destaca também como o trabalho de investigação tem que ser feito de forma cuidadosa para não danificar os objetos encontrados e como, após a descoberta, eles precisam ser analisados para que possam oferecer conclusões sobre a época ao qual pertenceram. Passado o prazo para a leitura

do material selecionado pelo professor, realizamos uma aula expositiva sobre os principais elementos destacados no livro. Nela exploramos os relevantes conteúdo do livro, falamos sobre as técnicas de escavação apresentadas pelo autor e projetamos algumas imagens de sítios arqueológicos nacionais e internacionais. Durante a aula, houve espaço para os alunos perguntarem acerca de suas dúvidas e destacarem o que concluíram de mais pertinente no trabalho de Raphael De Filippo.

Como a turma ficou muito empolgada com a apresentação do livro, decidimos ampliar nossa proposta didática para abranger uma tarefa lúdica que pudesse potencializar a aprendizagem sobre a arqueologia medieval com os alunos no 6º ano. Entre 2016 e 2019, realizávamos uma atividade diferenciada conhecida como “Oficina de Arqueologia”. Nela os alunos eram levados para o pátio da escola e, sob a supervisão do professor de História, precisavam explorar esse espaço em busca réplicas de vestígios arqueológicos que haviam sido colocadas ali pelo professor. Todavia, as medidas de distanciamento social exigidas pelos órgãos de saúde inviabilizaram a repetição dessa proposta no ano de 2021. Sendo assim, foi preciso adaptar a experiência que tivemos durante as oficinas para a realidade atual. Durante o ano de 2021, a escola onde realizávamos esses experimentos funcionou de maneira híbrida, sendo o professor responsável pela aprendizagem de dois grupos distintos, presencial e remoto. Mediante a autorização dos responsáveis, os alunos que optaram por retornar para as aulas presenciais eram conduzidos diariamente para uma sala onde as cadeiras foram posicionadas de forma a respeitar o distanciamento adequado e as medidas de higienização foram rigorosamente seguidas durante a entrada. Como se tratava de um cenário novo na educação brasileira, eventualmente, havia a necessidade de reforçar alguns protocolos, como o uso correto das máscaras no espaço escolar. Para os alunos cujos pais decidiram pela permanência no modelo remoto, as aulas foram oferecidas em tempo real e sua interação com o professor foi possível graças aos aparelhos de comunicação disponibilizados pela escola, como câmera e *headset*.

Para atender as medidas restritivas impostas pelos órgãos de saúde, resolvemos realizar a oficina de arqueologia dentro da sala de aula, respeitando o distanciamento. Ao invés de levar os alunos para o pátio, como era de costume, levamos as ferramentas necessárias para dentro da sala e construímos um pequeno experimento que pudesse contribuir para ilustrar parte do trabalho de pesquisa arqueológica. Sem que os alunos soubessem, colocamos uma réplica de um crânio humano, feita de plástico, em uma caixa de isopor e depois a cobrimos com terra. O experimento, obviamente, provocou uma grande curiosidade na turma. Nesse momento, iniciamos uma revisão dos conteúdos apresentados na aula anterior sobre o livro “Arqueologia passo a passo”. Finalizada a parte de discussões, começamos a retirar as pequenas pedras e folhas que haviam sido colocadas no topo da caixa para simular a superfície de um sítio arqueológico. Em seguida, utilizamos palitos e um pedaço de barbante para demarcar a área da caixa que seria explorada. Com uma colher de pedreiro retiramos o excesso de terra da superfície da caixa até conseguimos ver parte do crânio enterrado. A partir daí, utilizamos pincéis para remover as camadas de terra que envolviam o objeto até ser possível vê-lo por completo. Ao final da experiência, destacamos que o nosso projeto foi realizado de maneira rápida para se adequar ao nosso tempo de aula, mas que uma escavação arqueológica é demorada e implica várias etapas, pois como bem destacou Raphael De Filippo:

Um terreno não pode ser escavado duas vezes, por isso, uma operação arqueológica precisa ser bem preparada, por especialistas, e servir ao estudo científico, sem dúvidas. Não há como reverter os danos de uma escavação arqueológica malfeita. Isso porque, segundo os arqueólogos, a fonte de documentação é muitas vezes destruída à medida que é feita a escavação. (...) Nada deve escapar à vigilância do arqueólogo, do contrário a informação ficará perdida para sempre (2011, p.49).



Figura 3: Experimento realizado em sala de aula.
Fotografia do acervo pessoal do professor Marcio.

Após a fase expositiva, solicitamos aos alunos que repetissem a experiência em suas casas, explorando quintais ou vasos de plantas em busca de objetos que seriam enterrados no solo por seus responsáveis. Pedimos também que todo o trabalho de exploração realizado em casa fosse documentado em um modelo de relatório enviado pelo professor. No relatório deveria constar a descrição do trabalho realizado pelo aluno, bem como algumas fotografias ou mesmo desenhos da maneira como eles exploraram a terra. Foi somente após a entrega dos relatórios que exibimos o filme “A Escavação”. Para atender tanto aos alunos que estavam presentes na sala de aula como os que estavam assistindo de maneira remota, optamos por exibir o filme de maneira simultânea através do *Google Meet*, plataforma que utilizávamos para as aulas híbridas. Durante a exibição, os alunos fizeram alguns apontamentos comparando a atividade que eles realizaram em casa com a reconstrução da escavação de Sutton Hoo apresentada no filme. Também conseguiram sinalizar aspectos importantes de um bom trabalho arqueológico destacado no livro de Raphael De Filippo, como o processo de remoção e identificação dos artefatos encontrados no sítio arqueológico.

4. Conclusão.

Em primeira análise, podemos afirmar que faltou ao filme “A Escavação” uma melhor apresentação dos artefatos encontrados de Sutton Hoo. As cenas

que mostram as peças retiradas do sítio arqueológico são rápidas e não oferecem uma explicação sobre a importância desses artefatos. Isso é até compreensível se levarmos em consideração que o filme tem por objetivo apresentar o contexto da descoberta de uma embarcação anglo-saxã e não o processo de pesquisa em si. Mesmo assim, consideramos que a inclusão de alguns detalhes importantes, como uma explicação sobre o cotidiano dos povos anglo-saxões que ocuparam a Inglaterra, poderia facilitar uma melhor compreensão da posição que eles ocuparam naquela localidade. Por isso, acreditamos que a produção do filme poderia ter explorado um pouco mais a maneira como as descobertas de Sutton Hoo contribuíram para transformar a visão tradicional que a historiografia tinha dos povos anglo-saxões. Todavia, isso não inviabilizou o trabalho que pretendíamos realizar com o 6º ano do Ensino Fundamental, já que esses esclarecimentos puderam ser feitos durante as aulas expositivas. Além disso, como destacamos ao longo do texto, a exibição do filme tinha por objetivo principal estimular a discussão sobre o trabalho realizado em sítios arqueológicos do período medieval.

A exibição do filme após a construção de um projeto didático, que incluía a utilização do livro “Arqueologia passo a passo” e um trabalho experimental realizado pelos alunos trouxeram grandes benefícios. A leitura da obra de Raphael De Filippo facilitou o entendimento dos alunos sobre a maneira como os vestígios são preservados com a passagem do tempo, bem como os cuidados que o arqueólogo precisa ter para identificar os objetos e retirá-los do solo. As ilustrações utilizadas pelo autor foram de grande ajuda para a compreensão do conteúdo abordado. Todas as imagens do livro selecionadas pelo professor estavam adequadas à idade dos alunos que participaram do projeto e possuíam

um texto de fácil entendimento que serviu para prepará-los para a apresentação do filme “A Escavação”.



Figura 4: Parte do livro “Arqueologia passo a passo” apresentado aos alunos.
Disponível em: DE FILIPPO, Raphael. A arqueologia passo a passo. São Paulo: Claro enigma, 2011, p.48-49.

Seja em um jardim ou em um vasinho de plantas, os alunos preocuparam-se em construir um espaço adequado para a realização do trabalho. O interesse dos alunos pela atividade ficou claro pela qualidade dos relatórios apresentados ao professor. Na maioria deles, destacou-se a preparação do espaço que seria explorado e a separação dos materiais adequados para sua execução, como pincéis, pá de jardinagem e barbantes. Ainda que o espaço explorado pelos alunos tenha sido uma réplica em pequena escala de um sítio arqueológico, seu comprometimento com as tarefas foi real. Durante a aplicação de todas as etapas da atividade, notamos que os alunos sentiram menos a passagem do tempo e permaneceram empolgados ao longo das aulas de História. O fator motivacional, característico das atividades lúdicas, foi extremamente relevante para o sucesso desse projeto, pois a promoção de atividades lúdicas costuma trazer bons resultados, uma vez que nosso público alvo é formado por crianças e adolescentes, que estão sedentos para brincar (NORDIN, 2013, p.182). É importante lembrar que os alunos que participaram desse projeto viveram um intenso processo de transformação na passagem do 5º para o 6º ano. Acostumados com uma única professora e com a apresentação dos conteúdos de

uma forma mais divertida, eles iniciaram o segundo segmento do Ensino Fundamental sendo apresentados a uma maior quantidade de disciplinas e a um material didático mais intenso. Por essa razão, a promoção de atividades diferenciadas, como a que foi proposta nesse artigo, contribuiu para o aumento da interação entre o professor e os alunos, além de facilitar o entendimento dos conteúdos abordados.

Bibliografia

ABUD, Kátia Maria; Silva, André Chaves de Melo; Alves, Ronaldo Cardoso. Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ANÔNIMO. Beowulf. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

CANO, Marcio R. de Oliveira (Coord). História: coleção a reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2012.

DE FILIPPO, Raphael. A arqueologia passo a passo. São Paulo: Claro enigma, 2011.

LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LOYN, Henry R. Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.) História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005.

NORDIN, Nei. O ensino da Idade Média: questões práticas e realidade na sala de aula. In: TEIXEIRA, Igor Salomão e ALMEIDA, Cybele Crossetti (org.). Reflexões sobre o medievo III. São Leopoldo: Oikos, 2013.

STURTEVANT, Paul B. A Idade Média na imaginação popular. Rio de Janeiro: Ubook Editora, 2020.